

NEWSLETTER EC@NÓMICA

Novembro de 2011



As Bolhas Especulativas na Economia



“Os tempos são de mudança”. Nunca esta frase foi tão verdade, como na economia global dos tempos actuais.

A mudança é um conceito difícil de perceber e ainda mais de praticar. A mudança implica rompermos com hábitos antigos, implica enfrentar o desconhecido do futuro e pormos em causa crenças enraizadas nas pessoas durante anos.

Para complicar ainda mais as coisas, para quê mudar hábitos antigos que nos trouxeram tanta prosperidade. É neste ponto que se encontra grande parte do pensamento económico que é transmitido pela média; É preferível não ver o inevitável até ele nos cair em cima do que assumir uma espiral de falência e queda dos principais agentes e meios económicos que nos trouxeram ao *El Dourado* que vivemos nos últimos anos.

Este novo mundo está a ser marcado pelo rebentar das bolhas especulativas no sector imobiliário, financeiro, monetário, dívida pública. Estas bolhas estão interligadas, não só no combustível que as inflamou, mas na espiral de queda que se avizinha.

Nos EUA, principal economia mundial, o mercado de acções e a bolha que o alimenta é mantido pela impressão massiva de dólares; Esta acção por parte da reserva federal norte americana, assim como o aumento explosivo da dívida publica norte americana, atrasam mas não impedem a desvalorização do dólar daquele país. Com o pânico dos investidores estrangeiros na economia norte americana a fuga de capitais vai desvalorizar ainda mais a moeda e a impressão massiva da mesma vai fazer disparar a inflação.

Como consequência todo o mundo vai sofrer, com especial incidência nos países mais pobres e nos países em vias de desenvolvimento. A queda do consumo discricionário norte-americano

(consumo de bens não essenciais) vai deixar em grandes apuros a produção chinesa deste tipo de Produtos.

As economias mais resistentes e flexíveis como a norte americana vão sofrer um ajustamento brutal no seu consumo, mas por pior que fiquem, o resto do mundo ficará pior.

A flexibilidade e a resistência de uma economia á crise são medidas pela diversidade na sua actividade económica. Coloca-se a questão do que fazer quando o resto do mundo, para onde exportamos, deixar de comprar? A diversidade é fundamental em resistir ao terramoto e às réplicas que se vão seguir. Não apostar num só sector é fundamental para diminuir os impactos de mudanças radicais na procura de cada um desses sectores e a aposta na produção interna para abastecer o consumo em Portugal, pode ter nesta fase custos elevados tanto de capital como de mão-de-obra.



Portugal apresenta fragilidades, tanto no sector público como no privado. O endividamento da economia Portuguesa levou-a ao pedido de ajuda externa da troika. Desde a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia que o financiamento á nossa Economia têm sido realizado principalmente por países como a França e a Alemanha.

Tal como a crise no sub-prime norte-americano, que originou a crise financeira de 2008, a crise da dívida soberana Europeia está a alastrar-se às economias mais robustas, como a França e a Alemanha, devido em grande parte á exposição destes países á dívida soberana dos países periféricos.

Este ponto da crise da dívida soberana europeia, é um problema de dívida soberana e não um problema do Euro. A França e a Alemanha precisam não de salvar o Euro, mas de salvar os bancos destes dois países, expostos á dívida soberana dos periféricos. A saída do Euro não iria certamente pagar as dividas dos países periféricos aos bancos da França e da Alemanha, e é

por isso importante sublinhar que a crise que vivemos na Europa é uma crise da dívida soberana e não do Euro.

O problema de default dos países europeus coloca pressão sobre os bancos e o mercado de acções norte americanas expostas á nossa dívida. A impressão massiva de dólares por parte da reserva federal norte americana tem estado a aguentar a bolha da nossa dívida soberana, mas quando os EUA começarem a ter problemas sérios, terá de ser o banco central europeu a evitar o colapso das economias europeias, emitindo euros. A curto prazo resolve o problema, mas a longo prazo esta acção vai fazer subir a inflação dos países do euro.

©Multiguide 2011 - Todos os Direitos Reservados 